

Transição e adaptação ao ensino superior em estudantes de enfermagem de uma universidade pública de São Paulo

*Transition and adaptation to higher education
in nursing students from a public university in São Paulo*

*Transición y adaptación a la educación superior
entre estudiantes de enfermería
de una universidad pública de São Paulo*

Lucas Rossato¹
Thayná Bragagnollo Nery²
Ana Carolina Veloso Morotti³
Fabio Scorsolini-Comin⁴

Resumo

A transição para a universidade e a adaptação ao ensino superior envolve significativas transformações, promovendo diferentes desafios aos estudantes, sobretudo aqueles inseridos na área da saúde, em função da formação profissional relacionada ao cuidado. Este estudo qualitativo, exploratório e descritivo teve por objetivo apresentar desafios e potencialidades da adaptação ao ensino superior relatados por estudantes de um curso de enfermagem de uma universidade pública do Estado de São Paulo. Foi realizado um grupo focal com 38 estudantes matriculados no segundo semestre do curso. Os resultados

1 Universidade de São Paulo, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-3350-0688>. E-mail: rossatousp@usp.br

2 Universidade de São Paulo, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-6059-5972>. E-mail: thayna.nery@usp.br

3 Universidade de São Paulo, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-2570-2936>. E-mail: ana.carolina.morotti@usp.br

4 Universidade de São Paulo, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-6281-3371>. E-mail: fabio.scorsolini@usp.br

Agências de fomento: Capes

foram submetidos à análise temático-reflexiva, resultando em três temas principais: 1) Carga horária excessiva do ensino superior; 2) Suporte social; 3) Amadurecimento/Desenvolvimento pessoal. A transição e adaptação ao ensino superior foi marcada pela distância da família e das redes de apoio construídas anteriormente, bem como por dificuldades acadêmicas e necessidade de desenvolvimento de novos repertórios para as demandas emergentes. Sugere-se a atenção e o acolhimento a essas demandas como estratégia institucional, favorecendo a promoção da saúde mental junto a esse público.

Palavras-chave: Educação em Enfermagem; Saúde Mental; Educação Superior.

Abstract

The transition to university and adaptation to higher education involves significant changes, presenting different challenges to students, especially those in the health field, due to their professional training related to care. This qualitative, exploratory, and descriptive study aimed to present the challenges and potentialities of adaptation to higher education reported by students in a nursing course at a public university in the state of São Paulo. A focus group was conducted with 38 students enrolled in the second semester of the course. The results were submitted to thematic-reflective analysis, resulting in three main themes: 1) Excessive workload in higher education; 2) Social support; 3) Maturation/Personal development. The transition and adaptation to higher education was marked by distance from family and previously established support networks, as well as academic difficulties and the need to develop new repertoires for emerging demands. Attention and acceptance of these demands is suggested as an institutional strategy, favouring the promotion of mental health among this population.

Keywords: Education, Nursing; Mental Health; Education, Higher.

Resumen

La transición a la universidad y la adaptación a la educación superior implican cambios significativos y plantean diferentes retos a los estudiantes, especialmente a los que cursan estudios relacionados con la salud, debido a la formación profesional relacionada con la atención sanitaria. El objetivo de este estudio cualitativo, exploratorio y descriptivo era presentar los retos y las posibilidades de adaptación a la educación superior descritos por los estudiantes de un curso de enfermería de una universidad pública del estado de São Paulo. Se realizó un grupo focal con 38 estudiantes matriculados en el segundo semestre del curso. Los resultados se sometieron a un análisis temático-reflexivo, que dio como resultado tres temas principales: 1) Carga horaria excesiva de la educación superior; 2) Apoyo social; 3) Madurez/Desarrollo personal. La transición y la adaptación a la educación superior se caracterizaron por la distancia de

la familia y de las redes de apoyo construidas anteriormente, así como por las dificultades académicas y la necesidad de desarrollar nuevos repertorios para las demandas emergentes. Se sugiere prestar atención y acoger estas demandas como estrategia institucional, favoreciendo la promoción de la salud mental entre este público.

Palabras clave: *Educación en Enfermería; Salud Mental; Educación Superior.*

A recente expansão do ensino superior brasileiro a partir dos anos 2000 tem promovido um interesse nos processos relacionados à transição para a universidade, bem como a adaptação e a permanência nesse ambiente de ensino. As discussões sobre as políticas de acesso ao ensino superior e suas repercussões em termos educacionais, como no caso das ações afirmativas (Guarnieri & Melo-Silva, 2017) também se tornam legítimas. Nesse contexto, diferentes políticas públicas têm contribuído para o ingresso e a permanência de segmentos sociais historicamente excluídos do ambiente universitário, com o objetivo de melhorar os índices de escolarização, ampliar e democratizar o acesso a esse nível de ensino (Pena et al., 2020).

A chegada à universidade representa um passo importante no caminho educacional do aluno, sendo esta transição um processo que pode ser complexo e delicado que envolve uma sequência de mudanças nas esferas pessoal, afetiva, social e profissional, facilitando a capacidade do aluno de se adaptar a esse novo contexto de vida (Cabras & Mondo, 2017). Os desafios que o jovem enfrenta ao ingressar no ensino superior incluem temas acadêmicos, institucionais, de relacionamentos sociais, do seu desenvolvimento psicossocial e vocacional (Magalhães, 2013). Esse processo de transição para a universidade e adaptação ao ensino superior vem sendo cada vez mais investigado no cenário brasileiro (Dias et al., 2019), especialmente pelo fato de mobilizar sentimentos e transformações pessoais que podem interferir na saúde mental e na qualidade de vida (Nery et al., 2023; Rossato et al., 2022; Silva et al., 2025; Souza et al., 2023).

Entre as transformações na vida pessoal, a mudança de cidade, a distância da família, as mudanças no ritmo de estudo, frequência e número de atividades cotidianas, conteúdos estudados, bem como aquisições próprias da vivência universitária, o engajamento em outros cenários

relacionados ao ambiente universitário, como entidades estudantis, ligas acadêmicas, entre outros, constituem-se como elementos demarcadores desse período, como explicitado na literatura científica (Braga & Xavier, 2016; Porto & Soares, 2017; Silva et al., 2024). No domínio acadêmico/institucional, as exigências cognitivas, de organização e de compromisso com os estudos e com a própria aprendizagem serão mais elevadas. No âmbito social, será chamado a estabelecer relacionamentos interpessoais mais maduros com colegas e professores, e deverá adquirir novas competências e estratégias de tolerância às diferenças e de relações com autoridade (Magalhães, 2013).

É importante destacar que a adaptação acadêmica se constitui como o processo de ajustamento do indivíduo frente às mudanças inerentes à experiência universitária, tais como corresponder às exigências de desempenho, ajustamento a novas regras da instituição e a novos colegas, professores e funcionários (Oliveira et al., 2014). Em função das demandas que exige dos sujeitos, esse processo é considerado complexo e envolve fatores relacionados às vivências pessoais, desempenho acadêmico e desenvolvimento institucional (Porto & Soares, 2017). Ela também depende de um conjunto de fatores que faz com que os estudantes se sintam integrados ao curso e à universidade, sendo que nem sempre as dificuldades vivenciadas estão relacionadas diretamente ao contexto acadêmico ou centralizadas em fatores individuais (Oliveira & Dias, 2014).

Nessa perspectiva, as instituições de ensino superior têm se engajado na discussão sobre as estratégias para maior inclusão desses estudantes, reforçando o sentimento de pertencimento ao ensino superior. Isso envolve uma reflexão mais ampla que contempla, entre outros, as políticas de acesso e permanência estudantil, elementos da saúde mental, a construção de políticas acadêmicas marcadas pela cooperação, pelo respeito às diferentes e pela celebração da diversidade (Matioli et al., 2025). A Universidade de São Paulo, por exemplo, criou em 2022 a Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento, compreendendo que tais questões devem não apenas atravessar o fazer das demais pró-reitorias (graduação, pós-graduação, pesquisa e inovação, cultura e extensão), mas ser um pilar estruturante de uma universidade cada vez mais plural (Almeida et al., 2024; Universidade

de São Paulo, 2025). Em outras instituições, as chamadas pró-reitorias para assuntos estudantis, presentes em universidades federais, também têm buscado ultrapassar o desenvolvimento de políticas de distribuição de bolsas e auxílios, exclusivamente, buscando implementar um direcionamento mais estratégico acerca da inclusão dos estudantes nesse espaço de conhecimento e de formação profissional. Vemos, assim, uma mobilização institucional que tem permitido incluir a temática da transição e adaptação ao ensino superior como uma pauta política e não meramente individual, centrada nas características desenvolvimentais de cada estudante. Esse tem sido um importante avanço nos últimos anos, o que se dá no esteio das já consolidadas ações afirmativas do início dos anos 2000.

Do ponto de vista desenvolvimental, a experiência de ingresso na universidade exige o enfrentamento de um desafio particularmente importante: combinar a exploração e a falta de definição características da adolescência com as demandas exigidas de adultos em um ambiente desconhecido e altamente competitivo (Fernández et al., 2017). Contudo, os estudantes ainda podem expressar comportamentos fortemente associados à adolescência, como maior dependência dos pais ou questões relacionadas à autoimagem, assim como típicas da vida adulta, como maior engajamento laboral, por exemplo (Preto, 2018).

Embora os efeitos da transição possam afetar todos os universitários, estudos apontam que graduandos da área de saúde podem desenvolver maior probabilidade de experienciarem questões que afetam a saúde mental devido à maior exposição ao estresse, à competição e a uma rotina extensa de estudos, estágios e avaliações (Yosetake et al., 2018). No caso da enfermagem, essas demandas relacionam-se à construção de uma carreira fortemente vinculada a extensas jornadas de trabalho e à realização de procedimentos que demandam rigor, manejo técnico e exposição a riscos e erros decorrentes dessas atividades (Almeida et al., 2018; Hirsch et al., 2018).

Devido ao contexto do curso, os estudantes de enfermagem estariam mais expostos a elementos considerados de vulnerabilidade, coincidindo com a construção de uma identidade profissional (Alzayyat & Al-Gamal, 2014; Bublitz et al., 2016; Guo et al., 2019; Labrague et al., 2018; Persona

et al., 2024; Smith & Yang, 2017; Souza et al., 2023). Desse modo, compreender os percursos de transição do ensino médio para a formação em enfermagem, favorecendo reflexões que podem impactar diretamente no modo como a universidade tem se estruturado e se engajado no acompanhamento dos itinerários de seus estudantes durante a graduação, torna-se relevante (Scorsolini-Comin & Gabriel, 2019). Além disso, é mister considerar a importância de uma leitura interseccional sobre a temática, de modo que as questões de gênero, classe, raça/cor sejam endereçadas não apenas nas políticas institucionais, mas na compreensão desse fenômeno.

Frente a esse panorama, o presente estudo teve como objetivo central conhecer os principais desafios e potencialidades relatados por alunos ingressantes de um curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem de uma universidade pública. Os objetivos específicos relacionam-se à identificação dos fatores facilitadores e dificultadores da transição para a universidade, em busca do delineamento de estratégias que possam fortalecer a transição e auxiliar na permanência desse estudante no ensino superior.

MÉTODO

Tipo de estudo

Trata-se de uma pesquisa descritiva, qualitativa, apoiada na metodologia de grupos focais (Barbour, 2009). O grupo focal consiste em uma técnica de investigação da metodologia qualitativa exploratória que busca apreender atitudes e opiniões dos participantes em relação à temática de uma pesquisa. Oportuniza envolver os participantes em um momento ímpar para contextualizar, refletir e analisar sobre o que se procura investigar, em um processo interativo que gera diferentes pontos de vista, opiniões, críticas e sugestões, provenientes das discussões motivadas pelas questões norteadoras.

Participantes

O grupo foi realizado com 38 estudantes do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem de uma universidade pública do Estado de São Paulo, em um único dia. Os participantes estavam matriculados e cursando o segundo semestre do curso e foram recrutados anteriormente à realização do grupo por meio da divulgação da pesquisa em sala de aula.

Procedimentos de coleta e análise de dados

A coleta foi realizada no final do segundo semestre letivo, de modo que os participantes pudessem trazer vivências relacionadas a todo o primeiro ano de curso. Esse recorte foi proposto em função de o estudo ter como meta a reflexão acerca da transição e o primeiro ano ser potencialmente o espaço no qual as características dessa transição podem ser mais bem reconhecidas e/ou identificadas.

No dia destinado à realização do grupo, os pesquisadores explicaram os termos de participação e as regras gerais de funcionamento da atividade grupal. Foi esclarecido o objetivo e a finalidade das atividades, tendo em vista um maior esclarecimento. A partir da anuência o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi disponibilizado, lido coletivamente e posteriormente assinado.

O grupo foi coordenado por um psicólogo com experiência grupal e que não possuía vínculos com a turma e acompanhado por um co-coordenador, também psicólogo, que realizou anotações sobre a dinâmica grupal. A pergunta norteadora do grupo foi: “Quais os desafios relacionados à transição do ensino médio para a universidade?”, com o objetivo de compreender as dificuldades enfrentadas durante a transição para o ensino superior e como foram resolvidos os obstáculos a partir do momento que foram introduzidos na vida acadêmica.

O grupo foi audiogravado, com consentimento dos envolvidos e a audiogravação foi posteriormente transcrita na íntegra e literalmente. O material resultante dos 89 minutos registrados em áudio constituiu o

corpus da pesquisa. Este *corpus* foi submetido à análise temático-reflexiva (Braun & Clarke, 2019) e os temas produzidos foram discutidos com base na literatura científica disponível sobre o tema.

Considerações éticas

O projeto que deu origem a este estudo foi elaborado seguindo a Resolução nº 466, de 12/12/2012, do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (CAAE 99807118.0000.5393).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Contextualização do estudo

Entre as modalidades do curso de Enfermagem no Brasil, há o Bacharelado em Enfermagem, considerada uma formação mais tradicional, que forma o enfermeiro para a atuação nos diversos equipamentos de saúde que envolvam o cuidado e a gestão, além da pesquisa na área. Além dessa modalidade, algumas instituições de ensino superior ofertam a Licenciatura em Enfermagem, voltada exclusivamente para a formação de docentes em cursos de formação para auxiliares e técnicos em Enfermagem, habilitando os chamados enfermeiros licenciados ou enfermeiros educadores. Uma terceira modalidade existente em nosso país é a graduação que integra tanto o Bacharelado como a Licenciatura em Enfermagem, que forma profissionais para atuarem diretamente na educação profissional na área (como docentes em cursos profissionalizantes, por exemplo) e, também, na educação básica, além das habilitações inerentes ao tradicional Bacharelado.

Neste estudo, aborda-se a modalidade Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem. Os estudos realizados nesses cursos integrados têm abordado as facetas dessa formação, como o incentivo à promoção de saúde (Nakano & Gonçalves, 2019) e mesmo as metodologias didático-científicas empregadas para a formação desses novos profissionais (Gonçalves et al.,

2019). No entanto, ainda são insipientes os estudos que tratam do percurso universitário desses graduandos, notadamente dos processos de transição e adaptação ao ensino superior que podem ser particulares a essa modalidade.

Dos 46 alunos matriculados no 1º ano do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem da referida instituição, 38 participaram deste estudo. A maioria dos estudantes era do sexo feminino (76,3%), em consonância com o perfil da profissão, (Souza, 2014). A maioria dos alunos (n=24; 63,1%) são provenientes do ensino médio cursado na rede pública, o que pode refletir as atuais políticas de acesso ao ensino superior público, com a existência de ações afirmativas. Destaca-se que o referido curso é oferecido no período vespertino/noturno, havendo estudantes trabalhadores em maior número do que em comparação com os estudantes do curso integral (Bacharelado em Enfermagem) (Corrêa et al., 2018). Há que se destacar que, à época da coleta dos dados, mesmo com as ações afirmativas para ingresso no ensino superior, a referida instituição ainda não possuía a maioria dos seus estudantes provenientes do ensino médio público. Essa realidade, no entanto, foi alterada logo nos próximos anos após a coleta dos dados (Universidade de São Paulo, 2025). A seguir, os temas produzidos por meio da análise do *corpus* serão apresentados e discutidos.

1) Carga horária excessiva do ensino superior

A carga horária, considerada pelos alunos como elevada e concentrada, foi apontada como um fator de potencializador de situações desgastantes, tornando-se limitante para a dedicação em atividades curriculares e extracurriculares. Essa carga horária elevada acarreta aos graduandos sentimentos de despreparo e insegurança para a prática clínica, educação em saúde, atuação no ambiente escolar, dentre outros, trazendo a própria estrutura curricular como problemática, podendo ser identificados diversos fatores que podem desencadear situações estressoras, tais como o nervosismo, angústia e ansiedade. Isto ocorre devido a quantidade de situações que devem ser gerenciadas, dentre elas relacionadas à vida social, pessoal, demandas acadêmicas e a preparação para a carreira profissional (Benavente et al., 2014; Bublitz et al., 2016).

Os outros amigos da faculdade sempre têm tempo livre, tem tempo pra tirar uma soneca, um dia assim, meia horinha assim a gente não tem, então isso é horrível, parece que... tira a vontade de.... a gente chega aqui com vontade de participar de várias coisas, de várias atividades mas aí chega, é cansativo, a gente só quer ter o mínimo de tempo pra descansar, porque não dá, a gente não pensa em participar de nada. [Participante 6]

A elevada carga horária do curso é relatada como problemática, compondo uma situação de grande preocupação para os estudantes, dado já reportado em estudos anteriores (Nery et al., 2023). Durante a vida acadêmica, é recorrente essa situação de distanciamento de atividades antes realizadas, como por exemplo, relacionamentos fora do espaço universitário, sendo grande parte dos motivos relacionadas a mudança de rotina, tornando dificultoso para os estudantes (Campos et al., 2019). Estudos como o de Mikkonen et al. (2015) evidenciam como as vivências universitárias interferem na qualidade de vida dos estudantes e como podem impactar nos diversos âmbitos que compõe seus contextos vivenciais.

É a questão também de que a partir do momento que você entra na universidade, parece que todas as outras coisas que você fazia antes não tem como mais você fazer. Por exemplo, eu marquei muitos médicos e aí não deu pra ir, em nenhum, porque eu não tinha tempo. [Participante 20]

Eu senti muita dificuldade no modo de estudar, que eu vim de escola pública e quando a gente aqui, a gente acha que vai tá no mesmo nível e a gente pede muita coisa da gente, a gente tem que estudar muito mais do que a gente tem tempo e a gente acha que é um curso. Também outro erro é que quando a gente vai se inscrever. Tá que é um curso noturno, sendo que as aulas são tarde e noite e a gente pensa que vai ter tempo pra estudar, mas e aí a gente tem coisa da faculdade e ainda a gente tem que estudar senão a gente não consegue passar nas disciplinas. [Participante 9]

Eu também não sabia dessa questão de carga horária, que era tarde e noite, eu sofri muito (...) eu senti uma estafa muito grande. [Participante 15]

Como afirmado anteriormente, o curso em questão possui atividades nos períodos vespertino e noturno. Muitos alunos relataram não conhecer essa realidade no momento da inscrição no vestibular, considerando que o curso seria exclusivamente noturno, o que tem atraído estudantes trabalhadores (Corrêa et al., 2018). Além disso, destaca-se que se trata de um

curso relativamente novo, criado em 2006. O curso de Bacharelado em Enfermagem, oferecido na mesma instituição, é mais tradicional e mais conhecido, inclusive pelas pessoas que buscam o vestibular para acesso a essa universidade. As queixas em relação ao excesso de carga horária, com poucas horas livres no currículo, têm sido reportadas em diferentes espaços institucionais. Algumas mudanças têm sido pensadas institucionalmente, como a diluição e/ou concentração de disciplinas em determinados períodos, a ampliação de áreas verdes (períodos sem disciplinas), mas os efeitos ainda continuam sendo relatados como desadaptativos no primeiro ano de curso. Mais recentemente, destaca-se a existência da reforma curricular, que vem sendo implementada por meio de oficinas pedagógicas e que visam a endereçar, entre as alterações possíveis, a revisão da distribuição da carga horária com vistas a mitigar o seu impacto no bem-estar discente e no desempenho acadêmico.

Para além das questões curriculares e institucionais envolvidas na discussão da carga horária de um cursos, há que se considerar as dificuldades de gerenciamento de tempo nesses jovens adultos, haja vista que precisam ocupar diferentes papéis e podem ter dificuldades em conciliar trabalho, estudo, lazer e família, além de problemas financeiros que podem impactar esse momento de vida (Almeida & Teixeira, 2018; Benavente et al., 2014). No caso desse curso em análise, conforme mencionado, muitos estudantes também trabalham, o que amplia o desconforto em relação à excessiva carga horária de atividades (Corrêa et al., 2018). No caso do perfil eminentemente feminino do presentes estudo, demandas relacionadas ao ambiente familiar também podem estar associadas a uma maior sobrecarga, o que não foi mencionado pelas participantes em um primeiro momento, mas que poderia ser aprofundado em futuras investigações.

Aliás, nesse contexto, manter uma atividade laboral pode ser até mesmo inviável considerando as atividades em dois períodos do dia. Esses aspectos podem ser evidenciados quando relacionada à permanência estudantil, expectativas em relação ao futuro profissional e situações correlacionadas às particularidades do próprio indivíduo. Ainda em relação ao contexto investigado, embora não haja dados consolidados sobre a empregabilidade desses estudantes (Corrêa et al., 2018), destaca-se que muitas

estudantes atuam como técnicas de enfermagem, sendo complexa a tarefa de conciliar estudo e trabalho, sobretudo diante das elevadas jornadas da área de enfermagem.

Nesse processo, adaptar-se às novas rotinas exigirá do estudante ter que lidar com mais um contexto em meio a outras mudanças que já vem ocorrendo em sua vida e que repercutem em suas vivências devido às dimensões que assume. Tomando como referência a saída do ensino médio e a entrada no ensino superior ocorrendo, em média, por volta dos 18 anos de idade no cenário brasileiro, esse momento pode coincidir com a transição da adolescência para a vida adulta (adulter emergente), situação em que o indivíduo se torna ainda mais vulnerável, já que necessita também de seu crescimento pessoal para enfrentar os obstáculos tanto da vida adulta quanto da vida universitária (Braga & Xavier, 2016). Nesse período, percebe-se que os estudantes passam a ter que lidar com demandas da vida adulta, em um processo em que a transição nem sempre pode ter sido bem elaborada.

A carga horária elevada acaba sendo para os estudantes um fator estressor, pois o mesmo pode se deparar com situações em que terá que escolher entre atividades de lazer e suas obrigações. Esses aspectos são enfatizados por Pereira et al. (2010) quando descrevem que o fato do curso em horário integral, o ritmo de vida intenso e a “pressão psicológica” causada pelas exigências impostas pelos professores das disciplinas e pela ansiedade de ter um bom rendimento a cada período cursado vão, aos poucos, tornando-se fatores estressores aos alunos.

As dificuldades em lidar com as altas demandas de carga horária, somadas às atividades que são postas para os ingressantes como sendo importantes e necessárias para o seu desenvolvimento profissional acaba levando-os a assumirem diferentes funções que, em geral, acabarão por sobrecarregá-los. Essa sobrecarga pode levá-los a um quadro de esgotamento físico e emocional e até a casos de burnout.

2) Suporte social

O suporte social como alicerce para a vida acadêmica do aluno também foi evidenciado nos discursos. Este aspecto pode ser associado à saúde e ao bem-estar do indivíduo, que auxilia no entendimento de como a influência de relações podem ser positivas ou negativas, correlacionado com a forma de como determinada pessoa enfrenta as adversidades ao longo de sua trajetória de vida (Marôco et al., 2014). Sabe-se que o suporte social é maior quando o aluno mora com os pais e próximo às suas redes de amigos construídas ao longo de toda a vida (Preto, 2018).

O suporte social recebido dos pares torna-se importante facilitador da adaptação dos estudantes ao ensino superior, uma vez que promove uma situação em que os veteranos acabam acolhendo as demandas dos calouros e servem de amparo para lidarem com as incertezas iniciais. As falas dos estudantes refletem a relevância de serem acolhidos na chegada, principalmente devido à falta de compreensão da dinâmica institucional e às implicações advindas com a mudança de nível de ensino, a mudança da casa dos pais e de cidade para aqueles que vem de outro local, entre outros aspectos.

Aí eu vim pra cá e quando eu cheguei eu não sabia nem voltar pra casa da faculdade, não sabia onde que eu morava aqui, e eu tive que contar com a ajuda do pessoal que mora comigo também, que eu moro em uma república e acho que foram eles que foram mais que me ajudaram, sabe?. [Participante 4]

Um diferencial daqui, da minha antiga faculdade é o acolhimento, que aqui eu recebi muito. Lá na minha antiga faculdade era cada um por si e Deus pra todos, aqui, eu já vi que, na hora que eu vim fazer a matrícula, já alguns veteranos já me abraçaram, falaram que eu fazia parte de... da comunidade deles, me trouxeram pra dentro da comunidade, e acho que foi um dos pontos que me fortaleceu. [Participante 14]

Percebe-se, pelas falas, que os pares acabam fornecendo suporte afetivo e emocional para as situações acadêmicas que os estudantes passam a vivenciar no decorrer de sua inserção no ambiente do ensino superior. Em muitas situações, os laços de amizades que os estudantes tinham anteriormente acabam se enfraquecendo ou rompendo devido ao afastamento

decorrente da nova realidade vivida e, assim, os colegas de curso passam a fazer parte do novo círculo de amizades. Mesmo nas situações em que os estudantes ainda morem com os pais, o suporte social que recebem pode ser ampliado para novas pessoas, uma vez que veteranos podem estar mais presentes nesse momento de vida. Resultados de estudos como o de Elmir et al. (2019) evidenciam que, embora a família seja uma forma fundamental de suporte, o apoio dos colegas também se apresenta como um recurso emocional significativo para os alunos poderem falar sobre as experiências específicas desse momento de vida.

A mudança da casa dos pais é outro aspecto que merece destaque. Para alguns estudantes, é necessário deixar a casa da família, passando a residir em repúblicas ou sozinho. Estudos têm apontado que os estudantes que moram fora trazem consigo uma carga emocional muito grande e podem enfrentar situações perturbadoras que acabam prejudicando seu rendimento acadêmico. Além disso, esses estudantes precisam aprender a conviver com pessoas desconhecidas, desenvolver habilidades para construir amizades, conviver com a distância e, principalmente, enfrentar dificuldades financeiras (Preto, 2018; Schneider et al., 2017). Os novos ambientes de moradia acabam determinando quem serão os sujeitos que servirão como fonte de apoio para vivenciar situações cotidianas e darão suporte social para lidarem com situações cotidianas.

A transição foi difícil no começo também, moro também a 300 km de casa então muitas vezes eu tava estressada, porque a carga horária daqui é bastante, a gente tem muitas horas de aula, muito trabalho e prova, então eu tava com muita saudade de casa, saudade da minha mãe dos meus pais.
[Participante 7]

É como se recebesse um certificadozinho... Tá, agora eu vou ser adulto e tem que caminhar com suas próprias pernas. E pelo fato de muita gente morar longe de casa, fica ainda mais difícil. [Participante 10]

Acho que a parte mais difícil nessa transição toda de... sair da casa dos pais, sair do ensino médio e vir pra cá, é a parte de que você chega, seus pais te mandam dinheiro e fala tó, gasta aí, e aí uma hora acaba o dinheiro, e você não sabe como usar esse dinheiro... e aí você gasta e passa o resto do mês sem comer, entendeu ?[Risos] [Participante 11]

Considerando as falas dos estudantes, percebe-se que a adaptação psicológica, comportamental e o ajustamento social no ensino superior dependerão, muitas vezes, do suporte social que os estudantes receberão das pessoas próximas para enfrentar as atividades cotidianas e o novo contexto de ensino. O suporte social é importante de ser considerado nesse contexto de transição e adaptação ao ensino superior pois, por meio dele, estratégias de adaptação podem ser desenvolvidas. O desenvolvimento de mecanismos adaptativos de enfrentamento resultará em estudantes com menor probabilidade de usar estratégias não-adaptativas, como beber, separar-se dos outros, ignorar o estresse, ansiedade e depressão (Reeve et al., 2013). Ainda nesse cenário é importante enfatizar a importância das estratégias desenvolvidas institucionalmente para apoiar os estudantes. Assim, também a universidade pode favorecer a composição dessas redes de apoio e cuidado, permitindo maior troca e colaboração entre estudantes em espaços de convivência, por exemplo, permitindo o fortalecimento de vínculos e de valorização da diversidade (Silva et al., 2025). Atividades curriculares e extracurriculares que congreguem estudantes de diferentes cursos podem fomentar essas trocas e parcerias.

O corpo docente deve estar disposto a ajudar as futuras gerações de enfermeiros a sobreviverem aos rigores da formação na área e prosperarem diante dos desafios apresentados na profissão (Reeve et al., 2013). Experiências de acolhimento na chegada na universidade têm sido desenvolvidas e se mostram importantes para que o estudante perceba o espaço acadêmico como sendo um ambiente acolhedor e seguro para seu desenvolvimento profissional, de novas relações e enfrentamento dos desafios que estão por vir (Rossato & Scorsolini-Comin, 2019).

A forma como os estudantes percebem o suporte social que recebem dos sujeitos que estão à sua volta influenciará nas condições psicológicas dos mesmos e nos comportamentos de adaptação que adotarão. Estudos têm evidenciado que a percepção positiva dos estudantes em relação ao suporte social que recebem influencia nas condições emocionais, diminuindo os riscos de problemas de saúde mental, caracterizando-se, dessa forma, como um fator protetivo (Karaca et al., 2019).

3) Amadurecimento/Desenvolvimento pessoal

O amadurecimento/desenvolvimento pessoal foi outro fator destacado nos grupos realizados com os estudantes. Nas falas dos participantes, foi possível observar relatos em que descreviam como a experiência universitária mudou comportamentos e aspectos subjetivos em relação ao que viviam. Como apresentado anteriormente, a transição para a vida adulta está ligada ao crescimento e amadurecimento do indivíduo. Nesse grupo, os estudantes encontram-se imersos nessa transição, típica do período definido como adultez emergente (Braga & Xavier, 2016).

Os aspectos discutidos anteriormente podem ser observados nas vivências dos estudantes, que saem de um contexto de vida e de um sistema de ensino em que são totalmente dependentes, para um contexto que exige independência dos sujeitos e os obriga a terem que lidar com novas situações antes não vivenciadas. O processo de transformação e amadurecimento acaba sendo inerente a essa transição, em que até as experiências negativas e de desajustamentos podem ser consideradas como disparadoras de desenvolvimento.

E a transição acho que foi... um pouco... foi amadurecer né? Porque... primeiro porque eu tô saindo de casa, é... 300 km de distância não é uma coisa que eu posso ir pra minha casa sempre. É... acho que aprender como funcionava a faculdade, né...? De que forma eu teria que me organizar pras aulas, os conteúdos que eu tava recebendo aqui. Porque é diferente da escola né? Na escola a gente tem praticamente tudo de mão beijada e aqui se a gente não der uma corrida e se virar nos 30, as coisas não caem no nosso colo. [Participante 1].

Acho que a parte mais difícil da transição, é que, pelo menos pra mim foi isso, foi que você começa a ter responsabilidades e ter que caminhar com as próprias pernas, por exemplo, antes eu não morava com meus pais, eu fiz meu ensino médio em um colégio interno e eu já tinha... uma autonomia maior, e aí mesmo assim eu tinha quem resolvesse as coisas por mim, e quando cheguei aqui, se eu depender de outra pessoa responder... é... resolver por mim, mesmo que seja meus pais ia demorar muito e as coisas... tudo aconteceu muito rápido. [Participante 10]

O processo de transição do ensino médio para o ensino superior pode ser marcado por um momento em que novos contextos poderão ser agregados ao repertório de vivências e com isso promover o desenvolvimento de novas habilidades que podem transformar a vida dos sujeitos. Assim, é esperado que mudanças de ordem cognitiva, psicossocial e física possam ocorrer com os estudantes em diferentes intensidades, a depender das condições e do ambiente em que estejam inseridos. As mudanças nas condições de saúde física, por exemplo, ocorrem principalmente devido às transformações nos hábitos de vida, como explicitado na literatura científica (Deforche et al., 2015).

Mudanças em relação aos aspectos psicossociais e cognitivos também são esperadas e estão associadas ao fato de serem necessárias novas habilidades, a construção de vínculos e a tomada de decisão frente às novas demandas, bem como o fato de terem que assumir novas responsabilidades. Entre as muitas questões práticas e possíveis estressores estão a perda de amigos, a necessidade de formar novas relações sociais e grupais, a saída de casa, lidar com diferentes métodos de aprendizado e a expectativa em relação à autonomia na vida e nos estudos (Cleary et al., 2011). Ainda segundo essas autoras, no caso dos jovens que moram fora de casa, há uma diminuição da supervisão dos pais, o que os leva a terem total responsabilidade pelo autogerenciamento de sua saúde mental e física (que inclui procurar atendimento de saúde, tomar medicamentos, marcar consultas médicas etc.), pois, muitas vezes, estão longe da rede de apoio da família. Além de todas as dificuldades enfrentadas ainda nesta fase, observa-se que a questão financeira é um tópico bastante importante, já que os estudantes ainda estão dependendo dos pais financeiramente, sendo muito difícil se manter na universidade (Altioik & Ustun, 2013).

Questões relacionadas ao amadurecimento/desenvolvimento pessoal também estão no fato de perceberem que a saúde mental é importante e precisa ser cuidada para que a passagem pelo ensino superior possa ser vivenciada de forma mais saudável. Nesse sentido, a busca pelo equilíbrio entre as diferentes atividades é importante de ser estabelecida para que o sujeito consiga se inserir em diferentes contextos sem, contudo, se sobrecarregar. Nesse percurso, reconhecer os desejos e as limitações para

realizá-los também é outro aspecto relevante e que irá interferir na vida dos estudantes. Ter a capacidade de perceber o que quer e o que considera importante para a vida pessoal e acadêmica facilita o percurso dos estudantes, pois se espelhar nos colegas e tentar se equiparar parece não ser uma estratégia saudável para a adaptação nesse contexto.

Eu não sabia fazer muita coisa, eu aprendi na marra, aprendi a me virar, a dar um jeito nas coisas e eu pensava que eu ia conseguir lidar com a Universidade do jeito que eu lidava com o Ensino médio, e não foi isso, óbvio. A primeira prova eu deitei no chão do quarto e comecei a chorar e falei, meu Deus, como que eu vou conseguir terminar esse ano, eu não vou conseguir, eu vou desistir, e... durante as primeiras provas foi assim, até o momento que eu fui em algumas festas e eu percebi que a minha saúde mental importa e eu preciso colocar ela em primeiro lugar do que uma nota (...). [Participante 17]

Acho que o que a gente mais aprendeu, é procurar nosso próprio caminho dentro da universidade, não ficar olhando pra ninguém, porque eu acho que no começo eu olhava muito pras pessoas, falava, ah, eu quero entrar na entidade e fazer isso, ah eu quero... sabe? Eu acho que... a gente tem que construir nosso próprio caminho. [Participante 3]

A adaptação bem-sucedida ainda é provocada por um processo complexo de interação entre as características do aluno na entrada no ensino superior e os fatores que atuam durante o período em que ele estuda na universidade, sendo de extrema importância para a conquista de um ambiente propício para seu desenvolvimento, a fim de modelar a qualidade da experiência e persistência dos alunos na universidade (Fernández et al., 2017). Cada aluno possui atributos pessoais, como níveis de confiança e competência para lidar com transições, o que torna mais provável que eles tenham sucesso.

Assim, as dificuldades enfrentadas estão relacionadas com as características de cada indivíduo, alterando-se conforme as particularidades que vivem em seus contextos individuais e sócio-relacionais. Deve-se perceber também as diferenças entre os próprios alunos, já que podemos entender o ensino superior como um local que exige maiores horas de estudo, fazendo com que o aluno tenha um desempenho diferente conforme a base adquirida no ensino fundamental e médio. Também as vivências anteriores poderão

influenciar diretamente no desempenho dentro do âmbito acadêmico (De Clercq et al., 2017). O amplo processo de transformação por que passam exige um maior cuidado em relação à saúde psicológica, devido às vulnerabilidades associadas a essa transição, considerada desafiadora dentro da trajetória acadêmica (Braga & Xavier, 2016).

Não são todos os alunos que são capazes de dominar essas tarefas de desenvolvimento e aproveitar uma experiência satisfatória nesse contexto. Dessa maneira, pode-se presenciar estudantes que enfrentam dificuldades na transição, tais como depressão, solidão, dificuldades acadêmicas e abuso de substâncias, o que pode levar à insatisfação, desapego e menor desempenho (Fernández et al., 2017), culminando em interrupções e até mesmo trancamento do curso. As mudanças ocorridas com a transição do ensino médio para o ensino superior, embora possam ser compreendidas como inerentes a essa fase desenvolvimental, podem despertar sentimentos diversos, muitos deles ligados a situações de sofrimento e que interferem na saúde mental.

É importante, ainda, considerar que as questões de amadurecimento pessoal dialogam diretamente com o campo da saúde mental. O desenvolvimento de uma postura madura e de autonomia no ensino superior pode se apresentar de maneiras distintas, relacionando-se tanto com as características pessoais de cada estudante, mas sendo atravessado, inequivocamente, por questões institucionais. A literatura tem reconhecido, cada vez mais, que a temática da saúde mental não é exclusiva do indivíduo, dialogando com o seu cenário de desenvolvimento e com as condições do seu contexto, o que envolve diretamente o papel da universidade (Almeida et al., 2024; Silva et al., 2025). É mister, portanto, que a universidade esteja cada vez mais engajada nessa discussão, comprometendo-se com a promoção de espaços de troca, de cooperação, de valorização das diversidades e de construção de cidadãos capazes de construir um mundo mais justo, mais humano e sustentável. Assim, os resultados deste estudo nos convocam diretamente para uma discussão mais ampla e que possa endereçar de modo responsável o contexto desenvolvimental mais imediato, permitindo maior adaptação ao ensino superior para esses jovens adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidenciou as dificuldades apresentadas por estudantes de um curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem, que podem ser semelhantes às vivência de outros ingressantes no ensino superior, uma vez que a transição e os desafios desse contexto estão cada vez mais presentes, independentemente do curso realizado. Os dados encontrados evidenciam a importância da atenção aos estudantes, fornecendo apoio institucional e familiar para o enfrentamento das dificuldades de adaptação.

As instituições em que os alunos são inseridos representam o ambiente imediato que terá maior contribuição para o desenvolvimento nos próximos anos de vida, sendo um espaço com fatores estressores, mas que também deve proporcionar condições de diálogo para auxiliar no processo de transição. Desse modo, o desenvolvimento de um ambiente universitário acolhedor auxilia os estudantes na adaptação ao ensino superior e, conseqüentemente, na diminuição dos índices de evasão universitária. É necessário considerar que os cursos de graduação em enfermagem devem desenvolver o manejo das situações de estresse, objetivando melhoria na qualidade de vida desses estudantes, evitando um esgotamento que, a longo prazo, pode levar a sentimentos de insatisfação e desistência do curso. Do mesmo modo, professores e funcionários devem criar condições para o acolhimento dos estudantes e serem empáticos com suas necessidades, principalmente nos períodos iniciais, compondo um repertório institucional de acolhimento.

Grupos como os realizados neste estudo podem facilitar o compartilhamento de obstáculos entre os alunos, de forma a ajudar a esclarecer as dificuldades vivenciadas por eles, fortalecendo redes de apoio dentro do espaço acadêmico, fazendo com que compreendam as dificuldades vividas como coletivas, e não necessariamente individuais. Promover espaços de escuta, discussão e reflexão sobre as vivências experienciadas no ensino superior pode trazer implicações importantes nas condições de saúde mental dessa população, impactando diretamente na qualidade de vida dos estudantes e futuros profissionais de saúde.

O estudo em tela possibilitou apontamentos para prática, sobretudo em relação a aspectos que podem influenciar na permanência universitária e possíveis apontamentos para o desenvolvimento de ações de acolhimento estudantil no ensino superior. Desse modo, espera-se que esses resultados possam ser considerados pela gestão universitária no sentido de fomentar estratégias que não apenas diminuam a evasão em alguns cursos da área de saúde, mas que também permitam uma vivência universitária com maior qualidade de vida, com melhor distribuição de rotina de estudos, possibilidade de engajamento em atividades complementares e também de espaços de escuta nos quais os alunos possam compartilhar não apenas experiências, mas estratégias de enfrentamento para situações de maior estresse e vulnerabilidade como as encerradas no período de transição. Tais políticas de acolhimento podem ser construídas como parte do currículo, de modo que sejam, de fato, incorporadas à universidade. Com o maior investimento em políticas nessa fase de transição, espera-se fortalecer o aluno para o decorrer do curso, ampliando seus recursos ao longo de toda a graduação.

Como limitação do presente estudo, destaca-se a ausência de dados de identificação centralizados em registros como os de raça/cor autorreferidos. Embora o perfil tenha sido predominantemente de pessoas brancas, seria importante discutir esses aspectos com os estudantes, permitindo uma leitura mais interseccional dos dados. Além disso, enfatiza-se a dificuldade de comparar os resultados aqui sumarizados com outros cursos semelhantes, tanto em termos da área (Enfermagem) quanto das características do curso (período, duração, carga horária). Dessa limitação também emerge uma potencialidade do estudo, contribuindo para a construção de conhecimentos específicos sobre essa carreira, o que deve ser adensado por investigações vindouras.

REFERÊNCIAS

- Almeida, A. M. F., Perosa, G. S., Lamana, G., & Maia, R. (2024). Metamorfoses de uma universidade: os estudantes da USP entre 2000 e 2020. *Tempo Social*, 36(1), 45-71. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2024.222323>

- Almeida, B., & Teixeira, M. O. (2018). Bem-estar e adaptabilidade de carreira na adaptação ao ensino superior. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 19(1), 19-30. <https://doi.org/10.26707/1984-7270/2019v19n1p19>
- Almeida, L. Y. D., Carrer, M. O., Souza, J. D., & Pilon, S. C. (2018). Avaliação do apoio social e estresse em estudantes de enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 52. <https://doi.org/10.1590/s1980-220x2017045703405>
- Altioik, H. O., & Ustun, B. (2013). The stress sources of nursing students. *Educational Sciences: Theory and Practice*, 13(2), 760-766.
- Alzayyat, A., & Al-Gamal, E. (2014). A review of the literature regarding stress among nursing students during their clinical education. *International Nursing Review*, 61(3), 406-415. <https://doi.org/10.1111/inr.12114>
- Barbour, R. (2009). *Grupos focais*. Bookman.
- Benavente, S. B. T., Silva, R. M., Higashi, A. B., Guido, L. A., & Costa, A. L. S. (2014). Influência de fatores de estresse e características sociodemográficas na qualidade do sono de estudantes de enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(3), 514-520. <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000300018>
- Braga, M. J., & Xavier, F. P. (2016). Transição para o ensino superior: Aspiração dos alunos do ensino médio de uma escola pública. *Educar em Revista*, (62), 245-259. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.46817>
- Braun, V., & Clarke, V. (2019). Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 11(4), 589-597. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>
- Bublitz, S., Guido, L. D. A., Lopes, L. F. D., & Freitas, E. D. O. (2016). Association between nursing students' academic and sociodemographic characteristics and stress. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 25(4), 1-7. <https://doi.org/10.1590/0104-07072016002440015>
- Cabras, C., & Mondo, M. (2018). Coping strategies, optimism, and life satisfaction among first-year university students in Italy: Gender and age differences. *Higher Education*, 75(4), 643-654. <https://doi.org/10.1007/s10734-017-0161-x>

- Campos, C. M. S., Oliveira, J. P. S., Silva, S. G., Otrenti, E., & Dias, V. F. G. (2019). Desgastes e fortalecimentos de graduandos de enfermagem expressos em mídia social. *Revista de Medicina*, 98(2), 114-119. <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v98i2p114-119>
- Cleary, M., Walter, G., & Jackson, D. (2011). "Not always smooth sailing": Mental health issues associated with the transition from high school to college. *Issues in mental health nursing*, 32(4), 250-254. <https://doi.org/10.3109/01612840.2010.548906>
- Corrêa, A. K., Prebill, G. M., Ruiz, J. C., Souza, M. C. B. M., & Santos, R. A. (2018). O perfil do aluno ingressante em um curso de bacharelado e licenciatura em enfermagem de uma instituição de ensino superior pública. *Educação em Revista*, 34, e185913. <https://doi.org/10.1590/0102-4698185913>
- De Clercq, M., Galand, B., & Frenay, M. (2017). Transition from high school to university: A person-centered approach to academic achievement. *European Journal of Psychology of Education*, 32(1), 39-59. <https://doi.org/10.1007/s10212-016-0298-5>
- Deforche, B., Van Dyck, D., Deliens, T., & Bourdeaudhuij, I. (2015). Changes in weight, physical activity, sedentary behaviour and dietary intake during the transition to higher education: a prospective study. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, 12(1), 16. <https://doi.org/10.1186/s12966-015-0173-9>
- Dias, A. C. G., Carlotto, R. C., Oliveira, C. T., Teixeira, M. A. P. (2019). Dificuldades percebidas na transição para a universidade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 20(1), 19-30. <https://doi.org/10.26707/1984-7270/2019v20n1p19>
- Elmir, R., Ramjan, L. M., Everett, B., & Salamonson, Y. (2019). Nursing students' experiences of repeating units in an undergraduate program: A qualitative study. *Nurse Education Today*, 79, 147-152. <https://doi.org/10.1016/j.nedt.2019.05.024>
- Fernández, M. F. P., Araújo, A. M., Vacas, C. T., Almeida, L. S., & González, M. S. R. (2017). Predictors of students' adjustment during transition to university in Spain. *Psicothema*, 29(1), 67-72. <https://doi.org/10.7334/psicothema2016.40>

- Gonçalves, M. F. C., Andrade, L. S., & Silva, M. A. I. (2019). Ciclo pedagógico e portfólios na licenciatura em enfermagem. *Brazilian Journal of Development*, 5, p. 10983-10996. <https://doi.org/10.34117/bjdv5n7-233>
- Guarnieri, F. V., & Melo-Silva, L. L. (2017). Cotas universitárias no Brasil: Análise de uma década de produção científica. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, 21, 183-193. <https://doi.org/10.1590/2175-3539201702121100>
- Guo, L., Jones, M. C., Liu, Y., Yv, S., Zhu, Y., & Guo, Y. (2019). Cross-cultural validation of the Student Nurse Stress Index Scale: A descriptive survey targeting student nurses in China. *Journal of affective disorders*, 251, 31-38. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2019.03.017>
- Hirsch, C. D., Barlem, E. L. D., Almeida, L. K. D., Tomaszewski-Barlem, J. G., Lunardi, V. L., & Ramos, A. M. (2018). Stress triggers in the educational environment from the perspective of nursing students. *Texto & Contexto Enfermagem*, 27(1), e0370014. <https://doi.org/10.1590/0104-07072018000370014>
- Karaca, A., Yildirim, N., Cangur, S., Acikgoz, F., & Akkus, D. (2019). Relationship between mental health of nursing students and coping, self-esteem and social support. *Nurse Education Today*, 76, 44-50. <https://doi.org/10.1016/j.nedt.2019.01.029>
- Labrague, L. J., McEnroe-Petitte, D. M., Santos, J. A. A. D. L., & Edet, O. B. (2018). Examining stress perceptions and coping strategies among Saudi nursing students: A systematic review. *Nurse Education Today*, 65, 192-200. <https://doi.org/10.1016/j.nedt.2018.03.012>
- Magalhães, M. D. O. (2013). Sucesso e fracasso na integração do estudante à universidade: Um estudo comparativo. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 14(2), 215-226. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=203030931007>
- Marôco, J. P., Campos, J. A. D. B., Vinagre, M. D. G., & Pais-Ribeiro, J. L. (2014). Adaptação transcultural Brasil-Portugal da Escala de Satisfação com o Suporte Social para estudantes do ensino superior. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(2), 247-256. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201427205>

- Matioli, C. A. P., Correia-Zanini, M. R. G., Aliante, G., Macedo, A. C., & Scorsolini-Comin, F. (2025). Programas e serviços de acolhimento para universitários: síntese da literatura. *Revista Psicopedagogia*, 42(129), 604-614. <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20250054>
- Mikkonen, K., Kyngäs, H., & Kääriäinen, M. (2015). Nursing students' experiences of the empathy of their teachers: A qualitative study. *Advances in Health Sciences Education*, 20(3), 669-682. <https://doi.org/10.1007/s10459-014-9554-0>
- Nakano, M. M., & Gonçalves, M. F. C. (2019). Promoção da saúde na educação básica: Um estudo com licenciandos em enfermagem. *Brazilian Journal of Development*, 5(7), 10480-10491. <https://doi.org/10.34117/bjdv5n7-196>
- Nery, T. B., Rossato, L., & Scorsolini-Comin, F. (2023). Desafios à adaptação ao ensino superior em graduandos de enfermagem. *Psicologia Escolar e Educacional*, 27, e234666. <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-234666>
- Oliveira, C. T., & Dias, A. C. G. (2014). Dificuldades na trajetória universitária e rede de apoio de calouros e formandos. *Psico*, 45(2), 187-197. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.2.13347>
- Oliveira, C. T. D., Carlotto, R. C., Vasconcelos, S. J. L., & Dias, A. C. G. (2014). Adaptação acadêmica e *coping* em estudantes universitários brasileiros: Uma revisão de literatura. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(2), 177-186. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000200008&lng=pt&tlng=pt
- Pena, M. A. C., Matos, D. A. S., & Coutrim, R. M. E. (2020). Percurso de estudantes cotistas: Ingresso, permanência e oportunidades no ensino superior. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 25(1), 27-51. <https://doi.org/10.1590/s1414-40772020000100003>
- Pereira, C. D. A., Miranda, L. C. D. S., & Passos, J. P. (2010). O estresse e seus fatores determinantes na concepção dos graduados de enfermagem. *Revista Mineira de Enfermagem*, 14(2), 204-209. <https://www.reme.org.br/artigo/detalhes/107>

- Persona, D. B. F., Correia-Zanini, M. R. G., Rossato, L., Souza, D. C., Cunha, V. F., & Scorsolini-Comin, F. (2024). Avaliação de uma intervenção psicológica breve e on-line com estudantes de enfermagem. *Caderno Pedagógico*, 21(9), e8279. <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n9-297>
- Porto, A. M. S., & Soares, A. B. (2017). Expectativas e adaptação acadêmica em estudantes universitários. *Psicologia: Teoria e Prática*, 19(1), 208-219. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v19n1p208-219>
- Preto, V. A. (2018). *O estresse em universitários de enfermagem e sua relação com fatores pessoais e ambientais*. (Tese de doutorado, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo).
- Reeve, K. L., Shumaker, C. J., Yearwood, E. L., Crowell, N. A., & Riley, J. B. (2013). Perceived stress and social support in undergraduate nursing students' educational experiences. *Nurse Education Today*, 33(4), 419-424. <https://doi.org/10.1016/j.nedt.2012.11.009>
- Rossato, L., Morotti, A. C. V., & Scorsolini-Comin, F. (2022). Transition and adaptation to higher education in brazilian first-year nursing students. *Journal of Latinos and Education*, 1-11. <https://doi.org/10.1080/15348431.2022.2102499>
- Rossato, L., & Scorsolini-Comin, F. (2019). Chega mais: O grupo reflexivo como espaço de acolhimento para ingressantes no ensino superior. *Revista da SPAGESP*, 20(1), 1-8. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702019000100001
- Schneider, D. R., Barbosa, L. H., Simon, F., Steglich, D. S., & Jesus, L. O. D. (2017). Promoção da Saúde em moradia estudantil: Desafios para o fortalecimento da coletividade. *Psicologia em Pesquisa*, 11(2), 70-78. <https://doi.org/10.24879/2017001100200167>
- Scorsolini-Comin F., & Gabriel, C. S. (2019). O que pode ser considerado inovador no ensino superior contemporâneo? Considerações sobre o acolhimento estudantil. *Revista da SPAGESP*, 20(2), 1-6. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702019000200001

- Silva, G. C. L., Chieron, L. A. M. A., Santos, M. M., Matioli, C. A. P., Correia-Zanini, M. R. G., & Scorsolini-Comin, F. (2025). Facilitating and hindering factors of the adaptation to higher education perceived by nursing students in the pandemic context. *Journal of Latinos and Education*, 1-14. <https://doi.org/10.1080/15348431.2025.2542257>
- Silva, G. C. L., Pereira, D. C. S., Sousa, D. P., Souza, D. C., Correia-Zanini, M. R. G., & Scorsolini-Comin, F. (2024). Online psychoeducation groups for mental health promotion: perceptions of Brazilian university students. *Counselling & Psychotherapy Research*, 24(4), 1232-1242. <https://doi.org/10.1002/capr.12736>
- Smith, G. D., & Yang, F. (2017). Stress, resilience and psychological well-being in Chinese undergraduate nursing students. *Nurse Education Today*, 49, 90-95. <https://doi.org/10.1016/j.nedt.2016.10.004>
- Souza, D. C., Rossato, L., Correia-Zanini, M. R. G., & Scorsolini-Comin, F. (2023). Terapia cognitivo-comportamental em grupo: estratégia de psicoeducação com estudantes de enfermagem. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 23(1), 226-249. <https://doi.org/10.12957/epp.2023.75309>
- Souza, L. L. (2014). Representações de gênero na prática de enfermagem na perspectiva de estudantes. *Ciências & Cognição*, 19(2), 218-232. <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/908>
- Universidade de São Paulo (2025). *Relatório de gestão 2022-2026*. <https://www5.usp.br/relatorio-de-gestao-2022-2026/>.
- Yosetake, A. L., Camargo, I. M. L., Luchesi, L. B., Gherardi-Donato, E. C. S., & Teixeira, C. A. B. (2018). Estresse percebido em graduandos de enfermagem. *SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 14(2), 117-124. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.000336>

Recebido em 05/03/2023

Aceito em 17/12/2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.